

# Debates sobre o termo “Imagem-Semelhança” em Gênesis 1:26-27

Héber Stabenow Marski<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo estuda o significado da expressão “imagem e semelhança de Deus”, usada no texto massorético, em Gênesis 1:26 e 27, para descrever a criação da humanidade. Através da visão antropológica bíblica, este artigo visa trazer consciência sobre o propósito de nossa existência. Será usado o método canônico-teológico, que possui quatro corolários: (1) *sola Scriptura*; (2) uma visão elevada da revelação-inspiração do cânon bíblico; (3) a dupla autoria (divina e humana) do texto canônico; e (4) os procedimentos histórico-gramaticais da exegese. O artigo tem início com um olhar através das várias interpretações da “imagem de Deus” na história, não sendo normativa, mas sugestiva. Em seguida, apresenta uma exegese de Gênesis 1:26 e 27, criticando o livro *Dignity and destiny*, de John F. Kilner, por ser atualmente o livro com o estudo mais extenso sobre o tema proposto. Para concluir, o trabalho recapitula e sugere a aplicação do estudo proposto como uma visão de mundo para nossa relação teológica, sociológica e ecológica. A visão de mundo que existe em nós mesmos estipula como vamos pensar e agir. Temas como socialismo, feminismo, racismo, diferenças sexuais, infanticídio, ecologismo, veganismo e até mesmo ordenação ao ministério pastoral devem ser lidos e discutidos através de uma perspectiva “humana”.

**Palavras-chave:** Imagem de Deus; Semelhança; Pecado; Natureza humana; Exegese.

Editor Científico: **Eduardo Cavalcante Oliveira Santos**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 11/10/2021  
Approved: 17/01/2022

**Como citar:** MARSKI, H. S. Debates sobre o termo “Imagem-Semelhança” em Gênesis 1:26-27. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 17, n. 1, p. e01589, 2022. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v17.n1.pe01589>

<sup>1</sup> MDiv pela Andrews University e pastor da New Jersey Conference (Columbia Union). E-mail: [marski@andrews.edu](mailto:marski@andrews.edu)



# Debates about the term “Image-Likeness” in Genesis 1:26-27

**Abstract:** This article study the meaning of “image and likeness of God,” as found in Genesis 1:26 and 27 in the Masoretic text, used to describe humankind’s creation. Through a biblical anthropological view, this article aims to bring awareness regarding our existence’s purpose. This article use the Canonical Theology method, which takes four corollaries: (1) *sola Scriptura*; (2) a high view of the revelation-inspiration of the biblical canon; (3) the dual authorship (divine and human) of the canonical text; and, (4) the grammatical-historical procedures of exegesis. This article start with an outlook through the various interpretations of the “image of God” in history, not being normative but suggestive. After that, it present an exegesis of Genesis 1:26 and 27, critiquing John F. Kilner’s book *Dignity and Destiny*, since it is currently the book with the most extensive study on the proposed topic. To conclude, this article recapitulate and suggest applying the proposed study as a worldview for our theological, sociological, and ecological relationship. The blueprint that exists in ourselves stipulates how we will think and act. Topics such as socialism, feminism, racism, sexual differences, infanticide, ecologism, veganism, even ordination to the pastoral ministry should be read and discussed through a “human” perspective.

**Keywords:** Image of God; Likeness; Sin; Human Nature; Exegesis.

## Introdução

Diversas linhas filosóficas e teorias científicas tentam explicar a existência humana através de suas visões na tentativa de sugerir um propósito para a vida. Como confirma Aecio E. Cairus ao estudar qual seria o significado da “imagem de Deus”, “pensadores de todas as épocas têm abordado essas questões” (*apud* DEDEREN, 2000, p. 208). Este artigo visa abrir espaço para um estudo mais aprofundado desse tema, que muitos estudiosos dão como certo e compreendido. Uma vez que esta pequena expressão, “imagem e semelhança de Deus”, pode ser entendida de diferentes perspectivas, a depender da visão de mundo pertencente ao leitor, o presente artigo aceita as seguintes premissas como sendo verdadeiras: (1) Moisés foi o autor de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (RODRÍGUEZ; BEDIAKO; COSAERT; KLINGBEIL, 2020, p. 120); (2) Deus é o agente da criação, como um método histórico-gramatical bíblico demonstrou



em oito corolários: Deus criou o mundo do nada; só Deus é eterno; a criação começou no tempo; Deus é distinto da criação; Deus não criou por necessidade; este mundo existe puramente pela vontade de Deus; Deus criou um mundo que é consistente com Sua natureza e caráter; Deus é soberano sobre o mundo; Deus continua ativamente envolvido com o mundo (ROOKER; KEATHLEY, 2014, p. 25-34); e (3) a semana da criação, descrita em Gênesis 1:2–2:3, ocorreu em sete “dias literais, sequenciais e cronológicos”.

Ser capaz de compreender plenamente o significado de ser criado à imagem de Deus não é possível através do estudo isolado de Gn 1:26. João Calvino escreveu: “Uma vez que a imagem de Deus foi destruída em nós pela queda de Adão, o que era originalmente deve ser deduzido de sua restauração em Gênesis 1:26” (THOMPSON, 2014). Contrastando com o pensamento de Calvino, este artigo começará com a causa-efeito na criação, estudando a primeira criação e não a recriação, como ele afirmou.

### **As semelhanças entre os seres humanos e os animais**

Devemos pensar que estudar o resto da criação tornaria os seres humanos inferiores de alguma forma? Certamente não (SCHÖNBORN; WEBER; TAYLOR, 2007, p. 129-143). Vale a pena notar que muitas vezes enfatizamos a criação dos seres humanos e esquecemos de apreciar o que aconteceu nos primeiros cinco dias da criação. A mesma bênção dada aos humanos em Gênesis 1:27 foi dada aos pássaros e animais aquáticos em Gênesis 1:22 – serem “frutíferos e se multiplicarem” (GREENWAY, 2015, p. 89).

Gênesis 2:7 mostra um detalhe importante relacionado à criação do ser humano: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” Esse versículo da Bíblia tem três corolários: (1) “tanto animais quanto humanos são descritos como *khayyah* (‘vivos’; Gn 1:20, 21, 25, 30; 2:7, 19)” (RODRÍGUEZ; BEDIAKO; COSAERT; KLINGBEIL, 2020, p. 144); (2) tanto os animais quanto os humanos são criados do pó e retornarão ao pó quando morrerem (Gn 2:7, 19; Ec 3:20); e (3) tanto os animais quanto os humanos são criados com o mesmo sopro divino (Gn 2:7; Ec 3:19). Gênesis 2:7 foi e ainda é usado para apoiar a ideia dualista de corpo-alma, por meio da qual a maioria dos teólogos defende que os seres humanos têm uma alma baseada nesse “sopro divino”. Conforme descrito acima, o leitor da Bíblia aceita que tanto os animais quanto os humanos têm “alma” ou aceita que “o conceito de



alma como uma entidade separada e eterna é completamente estranho às Escrituras e baseado na filosofia grega” (RODRÍGUEZ; BEDIAKO; COSAERT; KLINGBEIL, 2020, p. 145). Assim, podemos afirmar que os humanos só passaram a existir após a criação e, depois que morrerem, não continuarão a existir por meio de suas almas.

Às vezes o leitor da Bíblia entende que somente os humanos podem louvar a Deus, mas na Escritura lemos que os animais louvam a Deus: “Todo ser que respira louve ao Senhor” (Sl 150:6). “Como se diz que os animais têm fôlego, eles estão incluídos entre aqueles dirigidos a louvar a Deus” (ALCORN, 2004, p. 445). Uma descrição profunda do Salmo 148 demonstra que os animais e toda a criação à sua maneira louvam a Deus, como demonstrado em outros salmos (Sl 65:13; 89:12; 96:11-13; 98:7-9; 103:22; 145:10). Como sua criação, Deus provê cuidado excepcional para os animais. A Bíblia expressa isso no livro de Jonas com a preocupação de Deus para com os animais de Nínive e através do mandamento do sábado de que a humanidade e os animais devem descansar (DAVIDSON, 2017). Além disso, como Richard Davidson (2017) argumenta: “O Senhor abre a boca da jumenta de Balaão, que fala com seu mestre. Observe que Deus não dá inteligência e fala especiais ao jumento, mas simplesmente ‘abre a boca’ e ele fala!” Outros textos bíblicos demonstram que os animais falam e clamam a Deus, e Ele os atende (SCHAFER, 2016). Semelhantemente aos seres humanos, os animais podem ser uma fonte de ensinamentos sobre Deus, conforme descrito em Jó 12:7-9 e capítulos 38-39.

Também é possível encontrar comportamentos animais que normalmente relacionamos apenas com seres humanos. Um desses comportamentos é a brincadeira, que podemos encontrar não apenas em filhotes, mas em animais adultos, como “cavalos, gado e outros mamíferos ungulados” (BRITANNICA 2020. Conforme percebido pelos cientistas, “elefantes podem determinar etnia, gênero e idade a partir de pistas acústicas em vozes humanas” (MCCOMB; SHANNON; SAYIALEL; MOSS, 2014). É sabido que apenas os seres humanos possuem inteligência complexa, como Brian Greene (2004) conclui: “Não importa o quanto você tente, você não pode ensinar física a um cachorro. Seus cérebros simplesmente não estão preparados para compreendê-lo.” Comparar as semelhanças e diferenças entre animais e seres humanos ajuda a ver que “o livro da natureza e a palavra escrita não discordam; cada um ilumina o outro” (WHITE, 1884).

Através da Bíblia, podemos afirmar que a humanidade tem um propósito especial para Deus, primeiro porque Deus criou o ser humano à “imagem e semelhança de Deus”,



segundo porque Cristo se tornou humano (DEDEREN, 2000, 160-168). É possível encontrar semelhanças entre seres humanos e animais, porque “a narrativa dos sete dias não é sobre estabelecer a preeminência dos humanos, mas sobre proclamar a preeminência e o amor de Deus, que faria com que todas as criaturas vivessem vidas abençoadas em um mundo perfeitamente aprazível” (GREENWAY, 2015, p. 97). Este artigo não visa defender semelhanças como prova de que os animais são iguais ou superiores aos humanos. Porém, seres humanos e animais foram criados com a fórmula de criação: pó da terra (corpo) + sopro da vida = ser vivo. Ambos têm a capacidade de louvar a Deus; ambos têm uma maneira de se comunicar; ambos são cuidados por Deus; ambos podem nos ensinar sobre Deus; e, em muitos animais, podemos encontrar comportamentos freqüentemente usados apenas para descrever seres humanos. Com base nessa discussão, permanece uma questão: apesar de nos importarmos de alguma forma com os animais, o que nos torna diferentes?

### **Resumo exegetico-histórico sobre a expressão “imagem de Deus”**

O primeiro problema deste tópico é que o ser humano, como criatura, tem sido chamado de  $\text{צֶלֶם}$  (imagem) e  $\text{דְּמוּת}$  (semelhança) de Deus. “Esta frase bíblica é interpretada de forma tão diferente quanto a doutrina cristã do homem. A discussão é complicada pelo fato de que o relato bíblico usa dois termos para essa ideia, que foram traduzidos como imago [imagem] e similitude [semelhança]” (TILLICH, 1967, 1:258). Em 2016, na Conferência da Sociedade Europeia para o Estudo da Ciência e da Teologia, a pergunta “somos especiais?” recebeu uma diversidade substancial de respostas (BENTLEY, 2017, p. 1). Genesis 1:26-27 “são talvez os versículos do Antigo Testamento mais comentados pelos Pais [da Igreja]. A doutrina da criação do homem à imagem de Deus é o fundamento da antropologia patrística” (ODEN, 2016, Gn 1:26–27).

O segundo problema deste tópico são os eventos subsequentes à criação, conhecidos como a Queda, ou o pecado cometido por Adão e Eva. Por que devemos estudar a “imagem de Deus” nos seres humanos se a Bíblia diz em Gênesis 3 que nossa natureza foi afetada pelo pecado? Consequentemente, pode-se encontrar seres humanos com a imagem de Deus mesmo que essas descrições estejam cronologicamente situadas após a Queda, descrita em Gênesis 3 (ROOKER; KEATHLEY, 2014, p. 235).



Na história da igreja, várias tentativas foram feitas para destilar a imagem essencial de Deus na humanidade, embora nenhuma visão tenha obtido um consenso. Em vez disso, cada visão ajuda a aprofundar nosso conhecimento de quem são as pessoas e como elas podem refletir a imagem de Deus (THORSEN, 2020, p. 132). Thomas C. Oden compila na introdução de Gn 1:26-27 um resumo das interpretações da era cristã antiga. Ele declara que, entre os gregos, geralmente se faz uma distinção entre a imagem e a semelhança (ODEN, 2016): o homem é criado segundo a imagem, e seu destino em liberdade é alcançar a semelhança com Deus (Orígenes, Diádoco). Agostinho argumentou que a alma do homem é criada à imagem de Deus diretamente. Assim, ele sustentou que a alma humana é uma imagem do Deus trino e, portanto, intrinsecamente trinitário (Fulgêncio).

Quanto ao que constitui a imagem de Deus no homem, Irineu sustentou que isso inclui tanto o aspecto corpóreo quanto o espiritual do homem. A maioria, no entanto, defendeu ser a alma do homem ou aspecto espiritual (Orígenes, João Cassiano, Ambrósio). De acordo com Sahdona, o conceito da imagem de Deus no homem tinha especialmente uma conotação ética: o homem alcançou uma semelhança com Deus quando foi renovado na fé cristã. Uma visão peculiar foi expressa por Potamius de Lisboa, que viu o corpo humano real como uma representação concreta da Trindade. Refere-se tanto ao nosso relacionamento com Deus quanto ao fato de sermos colocados acima da ordem criada. Constitui nosso estado real e se manifesta em nossa posse da razão divina, em nossa liberdade, imortalidade, virtude e justiça (Gregório de Nissa, João de Damasco, Crisóstomo).

Tanto o homem quanto a mulher são criados à imagem de Deus. A imagem divina transcende a diferença sexual (Gregório de Nissa). A complementaridade do feminino e do masculino é representada de várias maneiras: o feminino já estava no masculino quando Adão foi criado (Efrém); o macho simboliza o espírito, enquanto a fêmea representa a alma. A Escritura diz que “homem e mulher os criou”, antecipando o que aconteceria mais tarde, depois que a bênção de “aumentar e multiplicar” permitiu que os seres humanos se reproduzissem através da união de macho e fêmea (Orígenes). A dignidade humana é honrada pela única consulta trina anterior à criação de Adão, conforme revelado nas Escrituras (Basílio, Crisóstomo). “A imagem de Deus” é uma frase abrangente (Gregório de Nissa). A dupla natureza da humanidade é vista nos termos



imagem e semelhança, e homem e mulher (Gregório de Nissa). A queda precedeu a coabitação (Crisóstomo).

Agostinho, através de uma visão trinitariana sobre o “façamos”, de Gn 1:26, conclui que a imagem é: memória, intelecto e vontade. É possível resumir o pensamento dos reformadores sobre a “imagem de Deus” pela visão de Thompson desta forma (THOMPSON, 2014): a imagem de Deus é medida pela justiça e generosidade e foi projetada com Cristo em mente (Konrad Pellikan); a imagem de Deus consistia em sabedoria e santidade (William Perkins); como imaginamos Deus (Pedro Mártir Vermigli); refletimos a imagem de Deus quando lembramos (Johannes Brenz); a Lei Natural conecta a imagem de Deus à regra de ouro – amor (Huldrych Zwingli); consciência também reflete a imagem de Deus (Anna Maria Van Schurman); a semelhança de Deus permanece em nós como uma faísca coberta de cinzas (Balthasar Hubmaier); a imagem de Deus significa liberdade do medo e representa o pináculo da integridade (Martinho Lutero); existem três opções para a imagem de Deus, mas o domínio é melhor (Wolfgang Musculus); semelhança aponta para a aliança de Deus com Adão e conosco (Peter Riedemann); a imagem é a base para amar até os inimigos, não difere da semelhança e pode ser conhecida a partir de sua restauração (João Calvino).

Aproximando-se dos tempos modernos, surge um novo tipo de interpretação. Karl Barth foi o primeiro a interpretar a *imago Dei* em termos de relacionalidade, que é introduzida pela frase “masculino e feminino”. Na teologia da relacionalidade de Barth, a imagem de Deus é vista dialogicamente como um encontro Eu-Tu dentro da vida da Trindade — um encontro do qual o ser masculino e feminino é o protótipo (MATSKEVICH, 2019, p. 40).

Apesar disso, “visões funcionais são comumente abordadas pelos estudiosos do Antigo Testamento como uma forma adequada de entender os humanos como portadores da imagem” (FARRIS, 2017, p. 111), semelhante ao que se acreditava no cristianismo antigo. Para Richard Briggs, ao longo da história, as interpretações sobre “imagem de Deus” encontram-se na tradição das várias afirmações de que a imagem de Deus na humanidade consiste na racionalidade (a maioria dos teólogos ocidentais até Tomás de Aquino), uma alma a caminho da divinização (muitos na tradição oriental), uma alma que distingue a humanidade de outros animais (comuns até os dias atuais), uma retidão original (Lutero), uma característica ontológica combinada com a relacionalidade ética





(Calvino e a tradição reformada) ou uma relação convocada diante de Deus, espelhada na relação macho-fêmea que segue isso (Barth) (BRIGGS, 2010, p. 114).

Relacionado ao segundo problema, através da leitura da Bíblia, é possível ver desde o início que o pecado afetou a humanidade e o restante da criação. “A maioria das visões tenta abordar a aparente tensão entre a *imago Dei* em humanos pós-lapsários e o fato da pecaminosidade humana” (THRELFALL, 2019, p. 544).

Agostinho admitiu que a trindade humana das operações racionais foi desfigurada pela perda da participação de Deus. Lutero postulou que a *imago Dei* havia se perdido completamente. Para Calvino, a *imago Dei* pós-lapsária tornou-se viciada e quase destruída, nada restando além de uma ruína, confusa, mutilada e manchada de impureza. E Barth negou que a *imago Dei* se referisse a um estado ideal original. Até mesmo alguns proponentes da interpretação funcional da *imago Dei* reconhecem que o pecado trouxe uma “distorção ou diminuição” da capacidade humana de realizar o propósito pretendido por Deus (THRELFALL, 2019, p. 544).

Os estudiosos do Antigo Testamento podem ser divididos em quatro grupos com as seguintes visões: (1) a imagem é uma qualidade espiritual do homem; (2) a imagem consiste no domínio do homem sobre seus semelhantes; (3) a imagem é o termo para a relação imediata entre Deus e o homem; (4) a imagem consiste na forma do homem, que é semelhante à de Deus (CLINES, 1968, p. 55). “Moltmann, assim, leva a teologia protestante a uma nova era que pretende se afastar das noções estáticas da salvação de uma vez por todas da humanidade por Deus para se abrir a um relato relacional mais dinâmico de nossa resposta a Deus como amigo” (ROBINSON, 2010, p. 157).

Em resumo, foi possível confirmar a grande abrangência do estudo sobre esse tema por meio desta revisão histórica. “Existem três visões principais do significado da imagem de Deus – a visão substantiva, a visão relacional e a visão funcional” (ROOKER; KEATHLEY, 2014, p. 227). Enquanto este capítulo resume esses conceitos, a pesquisa não deve ser guiada pela história ao significado, pela filosofia ao significado, ou pela antropologia ao significado, mas pelo texto bíblico (exegese) ao significado — e, então, através da filosofia, antropologia e história, encontrar as explicações que o texto da Bíblia não responderá.





## Exegese bíblica

Precisamos entender que ambos os versículos, 26 e 27, não são isolados, mas pertencem a uma narrativa. No conceito histórico-gramatical, Gênesis é um dos primeiros livros do texto massorético a ser escrito, não sendo possível ter um contexto ou uso das palavras antes desses textos. Como afirma William Greenway (2015, p. 97), “a primeira divisão na narrativa da primeira criação não é entre humanos e animais, mas entre o Criador e todas as criaturas”. “A complexidade do versículo 26 às vezes se sobrepõe ao versículo 27 em Gênesis 1, então esta exegese se dedicará principalmente à compreensão do significado do versículo 26, que até foi chamado de ‘uma das passagens mais misteriosas de toda a Escritura’” (JONSSON, 1988, p. 3).

**Tabela 1** — Comparação de Genesis 1:26 entre Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), Septuaginta (LXX), Nova Almeida Atualizada (NAA) e Nova Versão Internacional (NVI)

Sentenças	BHS	LXX	NAA	NVI
1	וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים	καὶ εἶπεν ὁ θεός	E Deus disse:	Então disse Deus:
2	נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ	Ποιήσωμεν ἄνθρωπον κατ' εἰκόνα ἡμετέραν καὶ καθ' ὁμοίωσιν	Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança	Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.
3	וַיְרַדּוּ	καὶ ἀρχέτωσαν	Tenha ele domínio	Domine ele
4	בְּדַגַּת הַיָּם	τῶν ἰχθύων τῆς θαλάσσης	Sobre os peixes do mar,	Sobre os peixes do mar,
5	וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם	καὶ τῶν πετεινῶν τοῦ οὐρανοῦ	Sobre as aves dos céus,	Sobre as aves do céu,
6	וּבְבְהֵמָה	καὶ τῶν κτηνῶν	Sobre os animais domésticos,	Sobre os grandes animais
7	וּבְכָל־הָאָרֶץ	καὶ πάσης τῆς γῆς	sobre toda a terra,	de toda a terra,
8	וּבְכָל־הַרְמֵשׁ הָרֶמֶשׂ עַל־הָאָרֶץ	καὶ πάντων τῶν ἔρπετων τῶν ἔρπόντων ἐπὶ τῆς γῆς	e sobre todos os animais que rastejam pela terra.	e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão.

**Fonte:** Sentenças (TALSTRA, 2003, Gn 1.26); BHS (BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA, 2003, Gn 1.26); LXX (SEPTUAGINTA, 1979, Gn 1.26).

É importante notar que entre as sentenças 1 e 2 há uma diferença numérica no sujeito. Enquanto a sentença 1 está no singular, a sentença 2 está escrita na primeira pessoa do plural. Algumas interpretações tentam explicar essa diferença: (1) Deus está se



dirigindo à corte celestial; (2) Deus está se dirigindo a Cristo; (3) o versículo foi apropriado de um relato politeísta pela fonte sacerdotal; (4) o plural transmite majestade; (5) o plural transmite autodeliberação/encorajamento; e (6) Deus está se dirigindo ao seu Espírito (EASTVOLD, 2018, p. 241).

Através de uma teologia sistemática, podemos afirmar que aqui encontramos a primeira referência à Trindade, pois na Bíblia lemos que, na criação, Deus estava presente (Gn 1:1, Hb 11:3), o Espírito estava presente (Gn 1:2) e Jesus Cristo estava presente (Jo 1:1-3, Col 2:2,9), referindo-se ao evento da criação. A frase mais complexa é a segunda, pois é o ponto principal de ambos os versículos. אָדָם (adam) é entendido como o substantivo singular, absoluto deve ser entendido como humanidade. Ao ler בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ, é importante entender que essa construção não aparece em nenhum lugar do texto massorético ou do Novo Testamento,<sup>2</sup> dificultando a compreensão completa dos termos usados. Em primeiro lugar, צֶלֶם como aparência relacionada à imagem de Deus é encontrada apenas em Gênesis (1:26-27; 5:3; 9:6). No restante do texto massorético, este termo é usado para descrever imagens de ídolos ou objetos.

Gramaticalmente é vital saber que a palavra imagem, צֶלֶם, é rara. “O primeiro se encaixa muito bem na ideia de imagem física, mas na medida em que não há verbo no hebraico bíblico dessa raiz que teria esclarecido o que significava para o falante nativo, seu significado deve ter sido tão opaco para eles quanto é para nós” (WENHAM, 1987, p. 29). Essa palavra pode significar imagem (BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p. 853), sombra (GESENIUS; TREGELLES, 2003, p. 710) ou modelo (SWANSON, 1997). O uso de εἰκόνα pela LXX nos ajuda a entender essa passagem em relação com o Novo Testamento, onde sempre é traduzida como imagem. Sobre a “imagem de Deus”, Romanos 1:23, 8:29; 1Coríntios 15:49, 2 Coríntios 3:18, 4:4 e Colossenses 1:15 e 3:10 descrevem Jesus como a imagem de Deus e a humanidade como a semelhança da imagem de Deus por meio de Cristo. No entanto, é crucial ver que a maioria das traduções em português decide usar o termo imagem. Para o termo דְמוּת, a tradução principal é semelhança ou similitude (BROWN, 1977, p. 198). Para a LXX, a palavra grega usada é ὁμοίωσις (semelhança), e no Novo Testamento só aparece em Tiago 3:9.

Uma preposição precede ambos os termos: אֶל — que pode significar em, entre, no, com, de, para, por, porque, quando, durante, concernente, contra (SWANSON, 1997).

<sup>2</sup> É possível encontrar correlações no Novo Testamento quando vemos a tradução da LXX, em grego.



Consequentemente,  $\text{כְּ}$  pode significar: semelhante, como, tanto quanto, sobre, da mesma forma que, de acordo com, antes, quando, com (SWANSON, 1997). Pode existir uma diversidade de combinações na tradução.<sup>3</sup> Fica mais difícil porque a expressão  $\text{כְּצֶלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ}$  só aparece na passagem estudada. Como muitos comentaristas, Jacques Duoukhan vê essas duas expressões como relacionadas com a “imagem física, a forma visível e moldada do corpo humano” (imagem) e “com qualidades abstratas e traços não físicos” (semelhança) (DOUKHAN, 2016). Outros entendem que essas “duas frases funcionam como sinônimos [...]. A tradução de um termo determina assim a interpretação do outro” (EASTVOLD, 2018, p. 243). Enquanto isso, alguns comentaristas a entendem como uma definição, onde a semelhança define e limita o significado da imagem, conforme descrito por James Barr (BARR, 1968, p. 24), o que chamaremos de imagem-semelhança neste artigo.

A sentença 3 começa com a conjunção  $\text{וְ}$ , tipicamente significando “e”, mas podendo ser: também, então, mas, de fato, de modo que, de, isto é, é por isso, com, quando (SWANSON, 1997). Esta conjunção introduz as sentenças subsequentes, que a maioria dos comentaristas acredita ser uma descrição da “imagem de Deus” (visão funcional), pois de alguma forma Adão e Eva têm “domínio sobre as obras das mãos de Deus”, conhecido como “leitura real da *imago Dei*” (MIDDLETON, 2005, p. 27–28). Para eles, aqui está “a primeira vez que os humanos são mencionados na Bíblia, [onde] Deus os considera como realeza (1:26). A primeira palavra dirigida ao casal real os cobra da responsabilidade do cuidado da terra e de suas criaturas, um cuidado que levará ao *shalom* (1:28)” (LIMBURG, 1991, p. 126). Entendemos que essa conjunção expressa a ideia de subsequência, negando a visão de função. Se a “imagem de Deus” é governar alguém/algo, quando isso não acontece a pessoa não representa a imagem de Deus. Afinal, como confirma Seung-Goo Lee, o domínio da humanidade é resultado do ser imagem de Deus (LEE, 2016, p. 146).

Deus declarou a intenção de criar a humanidade à sua imagem, não de *colocar* nele a sua imagem. “Assim podemos dizer que, segundo Gênesis 1, o homem não tem a imagem de Deus, nem é feito à imagem de Deus, mas ele mesmo é a imagem de Deus” (CLINES, 1968, p. 80). Este artigo segue o entendimento proposto por Doukhan de que a

---

<sup>3</sup> Por exemplo, em imagem semelhante em semelhança; da imagem como semelhança; por imagem de acordo com a semelhança; sobre imagem com semelhança; em imagem de acordo com a semelhança; da imagem da mesma forma que a semelhança; etc.



interpretação para “imagem de Deus” relacionada à responsabilidade de mordomia [realiza] sobre a criação é uma aplicação limitada (DOUKHAN, 2016, p. 63). Como demonstra Kilner, “o domínio da humanidade sobre a criação é uma ‘consequência’ de ser à imagem de Deus, não o conteúdo de ser dessa imagem” (KILNER, 2015, p. 165).

**Tabela 2** — Comparação de Genesis 1:27 entre BHS, LXX, NAA e NVI

Sentenças	BHS	LXX	NAA	NVI
1	וַיְבָרֵא אֱלֹהִים	καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς	Assim Deus criou	Criou Deus
2	אֶת־תְּוֹמֵי בְצַלְמוֹ	τὸν ἄνθρωπον	o ser humano à sua imagem.	o homem à sua imagem,
3	בְּצַלְמֵ אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ	κατ’ εἰκόνα θεοῦ ἐποίησεν αὐτόν	à imagem de Deus o criou;	à imagem de Deus o criou;
4	זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם	ἄρσεν καὶ θήλυ ἐποίησεν αὐτούς	homem e mulher os criou.	homem e mulher os criou.

**Fonte:** Sentenças (TALSTRA, 2003, Gn 1.26); BHS (BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA, 2003, Gn 1.26); LXX (SEPTUAGINTA, 1979, Gn 1.26).

Como no versículo 26, a expressão “adão” como substantivo absoluto precedido pelo artigo definido, אָדָם, deve ser traduzido como humanidade. Além disso, אֹתוֹ (sua) é uma referência a אָדָם. Por meio da sintaxe, estudando a semântica de Gen 1.27, Jozef Jančovič indica que masculino e feminino são visões complementares do ser humano no início do versículo 27 (JANČOVIČ, 2019, p. 188). Para Barth, isso constitui uma pista para a compreensão da “imagem de Deus” como relacional (MIDDLETON, 2005, p. 49). Thorsen diz que “o relacionamento mais importante para as pessoas, é claro, é o nosso relacionamento com Deus. Quando não estamos em um relacionamento correto com Deus, não pensamos mais em refletir a imagem de Deus” (THORSEN, 2020, p. 133).

Para Doukhan (2016, p. 65), a imagem de Deus só era recebida como um casal, cada homem e mulher, com uma parte complementar da imagem. Seguindo essa abordagem, alguns teólogos defendem que a única forma de ser “imagem de Deus” é por meio do casamento (SILVA, 2019, p. 163), como se a “imagem de Deus” não fosse completa se alguém não é casado, algo que não podemos concordar. Concordamos que “a distinção entre masculino e feminino na criação da humanidade aponta para a natureza complementar dos dois sexos. Ambos eram a expressão da imagem de Deus e ao mesmo tempo se diferenciavam pelo gênero” (RODRÍGUEZ; BEDIAKO; COSAERT; KLINGBEIL, 2020, p. 143). E, portanto, homem e mulher possuírem a imagem de Deus demonstra que



as mulheres possuem valor igual ao dos homens (WATERHOUSE, 2006, p. 52).

Jacques Doukhan acredita que a narrativa da criação encontrada em Gênesis 1:1-2:4a corresponde à narrativa da criação encontrada em Gênesis 2:4b-2:25, um paralelo da estrutura literária entre as duas histórias. Conseqüentemente, podemos afirmar que o segundo relato da criação em Gênesis 2:4b-25 pode nos ajudar a entender o significado do termo “imagem de Deus”, embora esse termo “imagem de Deus” não apareça na segunda narrativa. Analisando com um ritmo de sete na primeira narrativa, a palavra “terra” ocorre sete vezes, e, na segunda narrativa, a palavra “homem” ocorre quatorze vezes (7x2) (DOUKHAN, 2016, p. 40-42). “O relato da criação já engloba os três temas que articulam a estrutura de todo o livro de Gênesis: ‘genealogia’ (*toledot*), bênção da criação e terra” (DOUKHAN, 2016, p. 40). Conseqüentemente, entendemos que a capacidade relacional e a função de dominação, como encontramos em ambas as narrativas da criação, confirmam que essas duas visões para a “imagem de Deus” são conseqüências e não a descrição da “imagem de Deus”.

Para muitos leitores bíblicos, a “imagem de Deus” é entendida como se Deus tivesse a forma física humana, ou seja, antropomorfismo. No entanto, como Wenham afirmou, “deve-se observar que o homem é feito ‘à imagem divina’, assim como o tabernáculo foi feito ‘no modelo’. Isso sugere que o homem é uma cópia de algo que tinha a imagem divina, não necessariamente uma cópia do próprio Deus” (WENHAM, 1987, p. 32). Lembrando que aceitamos que a humanidade foi criada à imagem de Deus, e que tanto o homem quanto a mulher são individualmente à imagem de Deus, poderíamos afirmar que Deus é bissexual, hermafrodita ou ginandromorfo? Certamente não. Ao examinar Gn 1:27, 5:1 e 9:6, a “imagem de Deus” refere-se a “mais do que apenas aparência física” (JANČOVIČ, 2019, p. 194).

Farris retoma os diferentes modelos de interpretação: modelo estrutural, modelo relacional e modelo funcional (FARRIS, 2020, p. 84–89). Como modelo estrutural, ele mostra que a “imagem de Deus” estava relacionada às capacidades humanas. Alguns o entendem como o intelecto e a vontade, enquanto outros o vêem como o processo de conhecimento e retidão (FARRIS, 2020, p. 85). Doukhan, citando McKeown, admite a dificuldade de compreensão do significado de “imagem” e sugere que ela está relacionada à “singularidade e distinção” dos humanos (DOUKHAN, 2016, p. 64).

No entanto, por que manter uma interpretação antropológica? A interpretação



central é o homem? “De acordo com o cânon, os seres humanos foram criados à imagem de Deus (Gn 1:26–27). Portanto, pode ser mais correto dizer que o cânon considera os humanos teomórficos e teopáticos do que dizer que a linguagem de Deus que a Escritura também usa para os humanos é antropopática” (PECKHAM, 2016, p. 244). Como Chris Muller expressa, “a partir da compreensão do que é a imagem de Deus, pode-se então entender algo sobre o próprio Deus” (MUELLER, 1999, p. 39). Como Patrick Miller coloca em sua discussão, “a questão nunca é simplesmente ‘o que é um ser humano?’ [...] A pergunta nunca é feita abstratamente. [...] É sempre solicitado no diálogo com Deus” (BRIGGS, 2010, p. 122).

Sem outros textos massoréticos e do Novo Testamento, a tarefa de entender o significado da imagem de Deus será baseada em suposições. Portanto, este trabalho de pesquisa analisará os demais textos apontados acima para auxiliar nossa compreensão, respondendo ao livro de Kilner.

### **Uma resposta a Kilner**

Como professor emérito de bioética e cultura contemporânea na Trinity International University, com Ph.D. em Ética pela Harvard University, John F. Kilner dedicou sua vida a entender quem são os seres humanos e a escrever e falar em sua defesa. Kilner dividiu seu livro premiado em três partes: (1) o contexto humano e divino; (2) a dignidade humana; e (3) o destino humano. Para o tema deste artigo, seu livro é o material mais aprofundado deste século, a ponto de outros autores depois dele o referenciar. O capítulo cinco de seu livro é dedicado a explicar as principais interpretações da “imagem de Deus”.

Muitos teólogos concordam sobre a importância da imagem de Deus na compreensão cristã sobre Deus e sobre a vida (KILNER, 2015, p. 12). O autor retrata de forma assertiva as consequências de ter uma visão equivocada da imagem de Deus, não apenas sobre figuras políticas como Adolf Hitler (KILNER, 2015, p. 21), mas também teólogos como Tomás de Aquino, que viam as mulheres como inferiores e defeituosas em relação aos homens (KILNER, 2015, p. 30). Kilner explica por que podemos aceitar Cristo como imagem de Deus (KILNER, 2015, p. 210-216). Para defender essa ideia, o autor escreveu que “Cristo como imagem de Deus é o padrão ao qual as pessoas ainda precisam





se conformar” (KILNER, 2015, p. 76). Uma declaração com a qual podemos concordar em parte é que “o pecado prejudicou gravemente as pessoas de muitas maneiras, e a Bíblia usa muitos termos diferentes para transmitir isso. No entanto, o *status* da humanidade à imagem de Deus não é um deles” (KILNER, 2015, p. 99). Por outro lado, o autor afirma que as pessoas nunca foram capazes de cumprir o que Deus pretende para aqueles criados à imagem divina. Em Cristo, agora eles são cada vez mais capazes de realmente se tornarem o que deveriam ser: como Deus em Cristo (Ef 4:24; 1Jo 3:2), levando a imagem de Cristo (1Co 15:49) (KILNER, 2015, p. 190).

Como o autor pode dizer, em parte, que o pecado prejudicou as pessoas e levaremos a imagem de Cristo para nos tornarmos como Deus se, em sua opinião, não perdemos nossa imagem-semelhança de Deus? Podemos concordar de que em Cristo, “as pessoas ganham a oportunidade de realizar seu destino especificamente humano – tornar-se verdadeiramente humano” (KILNER, 2015, p. 190). No entanto, precisamos discordar do resto. Para Kilner, uma vez que Gn 5:1-3 afirma que Adão continua tendo a semelhança de Deus mesmo após a queda, o pecado não afeta a imagem de Deus (KILNER, 2015, p. 126). Além disso, uma vez que o versículo 3 declara que Adão “gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e lhe deu o nome de Sete” (NAA, Gn 5:3), a humanidade em sua natureza pós-lapsária continua a ter a imagem de Deus.

Uma leitura profunda revela uma interpretação diferente. A Bíblia afirma que o ponto de tempo cronológico para a conversa é “quando Deus criou o homem” (Gn 5:1, NVI), e não no tempo em que Adão teve Sete. Segundo, Sete foi criado à semelhança e imagem de Adão, não de Deus. Apesar da inversão dos dois termos em Gênesis 5:3 sobre Sete, *דְמוּתוֹ כְצֶלְמוֹ*, precisamos aceitar que “identificar Sete como sendo a imagem de Adão similarmente não diz nada sobre atributos particulares de Sete, mas se refere à sua pessoa inteira” (KILNER, 2015, p. 80). Para Doukhan, “embora a imagem original de Deus seja transmitida, agora será transmitida pelo canal humano pecaminoso” (DOUKHAN, 2016, p. 129). Para Steinmann, “a seção de Adão na genealogia é única ao notar que Sete nasceu à sua semelhança, conforme sua imagem, fazendo assim uma distinção entre a santidade inicial de Adão e a condição pecaminosa inicial de Sete” (STEINMANN, 2019, p. 80).

Outro texto bíblico usado por Kilner para sustentar seu argumento é Gn 9:6 (KILNER, 2015, p. 92), onde Deus proíbe o assassinato “porque Deus fez o ser humano à sua imagem” (NAA, Gn 9:6). Ambos os textos, 5:3 e 9:6, têm as mesmas suposições, com





Deus criando o homem à sua imagem, não que no tempo de Sete e Noé eles fossem a imagem de Deus. É uma declaração de propriedade porque pertencemos a Deus (KILNER, 2015, p. 201). Assim, Gênesis 9:6, “apenas descreve a função ou as consequências da imagem divina; não identifica o que é a imagem em si” (WENHAM, 1987, p. 32).

Uma passagem significativa mencionada por Kilner e outros comentaristas é o Salmo 8:6-10. Embora mostre a “mais alta dignidade do senhorio: é uma união pessoal de filho e rei” (BAYER, 2013, p. 82), a frase “imagem de Deus” não é mencionada aqui e, como explicado acima, a ideia de realeza é uma consequência de a humanidade ser criada à imagem de Deus, e não o fator a ser. Portanto, todos os argumentos que descrevem a imagem de Deus como a dignidade de Deus vieram desta passagem bíblica.

Este artigo concorda com a interpretação de Kilner sobre pré-conhecido e predestinado em Romanos 8:29 (KILNER, 2015, p. 237). O autor defende que essa passagem “apresenta o quadro geral de onde termina a renovação à imagem de Deus” (KILNER, 2015, p. 194). Da mesma forma, o autor confirma essa visão quando discute 2 Coríntios 3:19 e 4:4.

O ponto principal aqui parece ser que quando alguém olha para Cristo, a imagem de Deus, vê a glória que Deus pretende que os cristãos manifestem uma vez que sejam transformados. Cristo (ou a imagem que é Cristo) é o padrão. O pecado impede os cristãos de viverem de acordo com esse padrão. Então os cristãos precisam de transformação para se tornarem a mesma imagem que Cristo é (KILNER, 2015, p. 195).

Para Kilner, “se Cristo é o Criador de Colossenses 3:10, então o padrão de renovação aqui é a imagem de Cristo” (KILNER, 2015, p. 255), pois, segundo Paulo, “se renova em conhecimento, segundo a imagem daquele que a criou” (Cl 3:10, NAA). Para resumir, qual é o significado de “danificado” para Kilner? Porque, quando se lê “a imagem de Deus não é danificada, mas sua existência é obscurecida pelo pecado” (KILNER, 2015, p. 123), torna-se difícil entender a terminologia de Kilner. Deus criou os seres humanos à imagem de Deus, o homem e a mulher foram criados, não que tenhamos a “imagem de Deus”. No entanto, contra esse entendimento bíblico, para Kilner, o pecado “prejudica as pessoas ao invés da imagem de Deus, e a restauração que ocorre em Cristo envolve pessoas ao invés da imagem de Deus” (KILNER, 2015, p. 228). Apesar de discordar de algumas concepções do autor, entendemos que ele tem razão quando vai contra aqueles que acreditam que a “imagem de Deus” é sobre atributos. Se for, “as pessoas com melhores



atributos seriam, em certo sentido, mais à imagem de Deus, e as próprias pessoas variariam ao longo do tempo em termos de quanto são à imagem de Deus” (KILNER, 2015, p. 81). Não podemos relacionar com Deus como amor e ao mesmo tempo acreditar em vários níveis de pessoas, pois Ele criou o homem e a mulher igualmente à Sua imagem.

Um dos corolários de ser “imagem de Deus” é receber “o selo de Deus em nós”. Um retrato poderoso que Kidner fez relacionando a criação do ser humano com Mateus 22:20–21. Deus nos fez uma declaração de propriedade. Assim, neste relato, o foco não está em nós, mas em Deus (KIDNER, 2008, p. 118). Para ele, Deus criou a humanidade à Sua imagem para mostrar Suas intenções para a humanidade (KILNER, 2015, p. 105).

“A singularidade das pessoas criadas à imagem de Deus pode ser compreendida de uma forma holística. As pessoas refletem os atributos racionais, espirituais e morais de Deus, embora de forma finita e limitada” (THORSEN, 2020, p. 132). Para Thorsen, a “Escritura descreve as pessoas como possuindo uma variedade de atributos. Parece que as pessoas são, entre outras coisas, dotadas de dimensões físicas, racionais, espirituais, morais e sociais” (THORSEN, 2020, p. 131). Afinal, podemos entender que cada um desses atributos pode ser separado do ser humano? Para L. E. Froom, “o homem, feito à ‘imagem de Deus’, é uma ‘totalidade psicofísica’” (FROOM, 1965, p. 950).

O ser humano holístico é uma imagem de Deus, incluindo tanto as capacidades espirituais quanto a presença física. Os dois não podem ser separados ou excluídos um do outro. Compreender o ser humano holístico como imagem de Deus traz uma grande valorização da existência humana (MUELLER, 1999, p. 16).

Na conclusão de seu livro, para Kilner, “as pessoas que são vistas em termos de dignidade, sacralidade, igualdade e unidade fundamentadas em sua identidade como sendo à imagem de Deus serão tratadas de certas maneiras, as pessoas as tratarão com respeito” (KILNER, 2015, p. 253). A partir de uma perspectiva bíblica, é possível propor que apesar de a imagem de Deus ser afetada pelo pecado, a humanidade ainda foi criada por Deus com o propósito de ser à sua imagem, e, por meio de Cristo, devemos tratar a todos igualmente, sendo agentes de Deus para ajudar os outros em seu processo de crescer “de glória em glória à sua imagem” (2 Coríntios 3:18, NAA).

Compreender a necessidade da restauração da imagem de Deus não significa tratar os outros com desigualdade, como supõe Kilner. Identificar “imagem de Deus” como imagem-semelhança nos ajuda a ver que todas as outras características são a



consequência de ter sido criado à imagem-semelhança de Deus. Consequentemente, a bênção de Deus “envolvia não apenas encher a terra, mas também representar o Criador como mordomos. Deus deu a Adão e Eva o privilégio de participar do domínio amoroso e cuidadoso de Deus sobre a criação. Tornaram-se mordomos do Senhor” (RODRÍGUEZ; BEDIAKO; COSAERT; KLINGBEIL, 2020, p. 143). Como Ryan S. Peterson expressa,

a interpretação da identidade fornece uma base convincente para abordar questões éticas, [...] fornece a estrutura conceitual necessária para mostrar como todos os humanos são feitos à imagem de Deus, mesmo que alguns humanos sejam incapazes de exercer capacidades que são direcionadas para a realização da *imago Dei* (PETERSON, 2016, p. 4).

O tema “imagem de Deus” é usado hoje e ao longo da história como cosmovisão em diversas instâncias, como aqueles que se julgam superiores aos outros, excluindo e às vezes oprimindo os outros. Alguns acreditam que são superiores à natureza, causando desmatamento e degradação ambiental, e usando irrestritamente dos recursos animais com a desculpa de que a natureza está sob o domínio humano. Esses tópicos devem ser tratados por aqueles que aceitam a Bíblia como base para a vida religiosa e prática como assuntos relevantes e até defensáveis, pois todos os seres humanos são criados à imagem de Deus.<sup>4</sup>

De uma perspectiva missiológica, a afirmação de que os pobres foram criados à imagem de Deus tem implicações cruciais para nossas igrejas. Qualquer compromisso que tenhamos com os pobres, seja para fornecer serviços, viajar com eles ou fazer pesquisas, deve ser constantemente avaliado para garantir que afirme a dignidade e a integridade dos pobres (BAZZELL, 2012, p. 232).

Tudo isso pode ser expresso pelo depoimento de Jónsson, onde o problema da *imago Dei* desempenhou um papel importante nas discussões teológicas do Concílio Vaticano II na década de 1960. E algumas das correntes populares mais recentes em teologia, por exemplo, a teologia da libertação, a teologia feminista e o debate ecológico têm lidado com a interpretação do imagem divina (JÓNSSON, 1988, p. 1).

Para George Hobson, a defesa do aborto, até mesmo o assassinato de nascidos

---

<sup>4</sup> Em parêntesis são descritos categorias gerais, onde não me ative a definir sua positividade ou negatividade, usando estes com o objetivo de demonstrar a importância do tema deste artigo em cada um desses movimentos sociais.



vivos e a eutanásia estão relacionados à perda do conceito de *imago Dei* (HOBSON; EDGAR, 2019, p. 88). É interessante ver como esse tema tem sido aplicado a questões de interesse social (WOZNICKI; GENTILE, 2017, p. 81). “Insistir que todas as pessoas são criadas à imagem de Deus tem implicações políticas e práticas dramáticas” (BROWN, 2019, p. 15). Para Martin Luther King, “todos os seres humanos são indivíduos dignos” (WILLS, 2009, p. 114). Podemos fazer nossas próprias palavras o que Karen Teel escreveu:

reconhecemos que os corpos humanos em todas as formas, cores e tamanhos são a imagem de Deus. [...] precisamos deixar de lado a busca por uma característica humana específica – mental, física ou espiritual – que sinaliza a imagem de Deus (TEEL, 2010, p. 163).

Conforme explicado por Kolawole, uma das interpretações para a imagem de Deus está em “três dobras: mental, espiritual e moral” (KOLAWOLE, 2019, p. 42). Como confirma Aecio E. Cairus, “as faculdades físicas, intelectuais, sociais e espirituais estão intimamente relacionadas à dignidade da pessoa, aspecto essencial de ser imagem de Deus (1Co 11: 7)” (*apud* DEDEREN, 2000, p. 208).

Outra importante concepção estudada foi a de que “o pecado rompe e desfigura a imagem, mas não destrói nossa humanidade” (FRAME, p. 2). Afinal, entendemos “a imagem de Deus como identidade humana” (MIGLIO; REEDER; WALTON; WAY, 2020, p. 91). Como vimos, a “doutrina proctológica da imagem, que mantém suas implicações existenciais, transformou-se no Novo Testamento em uma doutrina escatológica com implicações existenciais” (CLINES, 1968, p. 103).

Para resumir, este artigo entende que outras passagens bíblicas, como Gênesis 5:1-3, 9:6 e, Salmo 8:6-10, não adicionam nenhuma descrição do que deve ser criado à “imagem e semelhança de Deus”. Pelas sugestões da parte da exegese, podemos recomendar a leitura de Gn 1:26–27 como “semelhança à imagem”, pois a semelhança restringe o significado de ser criado à imagem de Deus. Kilner traz uma vasta exposição relacionada à história e à teologia deste tema, e apesar deste artigo não concordar com todos os seus argumentos, recomendamos seu livro. Como podemos ver em nossa exegese, uma vez que o ser humano é um ser holístico, é impossível separar os efeitos do pecado da imagem de Deus, pois ela também foi afetada.

Uma implicação importante é que a visão correta de nossa natureza (semelhança



à imagem de Deus) interfere em nossa compreensão de nós mesmos. Também muda a forma como interagimos com a pessoa perto e longe de nós, e como interagimos com a natureza. Portanto, que a visão correta de nossa natureza possa resolver os principais problemas sociais de nossa sociedade.

### **Considerações finais**

“Quem somos nós?” Deus nos cria à semelhança de sua imagem. Somos sua criação, suas filhas e filhos. Somos iguais perante Deus. Vimos que “esta natureza refletia a santidade divina de seu Criador”. Concluimos que os seres humanos não têm alma, mas cada um de nós representa a imagem de Deus como um ser holístico. Sugerimos que a Trindade esteve presente na criação da humanidade. Ao longo de nossa exegese, pudemos perceber que a visão relacional da “imagem de Deus” é fraca. No entanto, aceitamos que um relacionamento com Deus e a sociedade está implícito como resultado, não como imagem de Deus. Como discutimos, ter o domínio acima da criação é consequência de ser criado à imagem de Deus (ROOKER; KEATHLEY, 2014, p. 234). Portanto, podemos afirmar que homem e mulher “representam o Criador para sua criação” (CORTEZ; JENSEN, 2018, p. 74). Aceitamos que temos um propósito; o corolário para ser a imagem de Deus é se importar com a criação, animais e plantas e outros seres humanos.

A imagem de Deus serve tanto “como uma lente hermenêutica através da qual podemos ler as narrativas subsequentes do AT” (BRIGGS, 2010, p. 123) quanto como uma lente antropológica através da qual precisamos ver os indivíduos ao nosso redor, nossa sociedade, nós mesmos. Ao aceitar essa perspectiva bíblica sobre a semelhança à imagem como nosso modelo, temos todo o campo de estudo relacionado ao livre-arbítrio, personalidade e natureza pecaminosa dos seres humanos aberto a uma melhor compreensão. Além disso, a visão antropológica correta influenciará a compreensão de pecado, salvação e restauração, sendo escatologicamente dependente de Cristo ou não. Para resumir, Jesus é o único que é a verdadeira imagem de Deus. Nós, como seres humanos, fomos criados à Sua imagem, significando que não somos Deus, mas criados à semelhança de Deus. Da mesma forma, é difícil compreender a cristologia se não compreendermos a antropologia, pois Cristo se fez homem.

Conforme percebido neste artigo, apesar de muitos estudiosos tomarem a



definição de “imagem de Deus” como definida, é possível afirmar que dizer o que a “imagem de Deus” não é nos ajuda a definir seu significado. Nosso objetivo é mostrar que a humanidade, individualmente como homem e mulher, foi criada holisticamente como a imagem de Deus por Ele, não tendo – mas sendo – Sua imagem. Somos semelhança de imagem apesar dos corolários do pecado na humanidade através do Espírito Santo, porque a imagem de Cristo será restaurada para aqueles que a desejarem, começando com a decisão de uma pessoa por Cristo culminando em sua restauração completa na segunda vinda de Cristo. Admitimos que os seres humanos continuam a ser criaturas, com muitas semelhanças com o resto da criação, bem como responsabilidades. Homens e mulheres não têm inter-relações inferiores, mas iguais; mulheres e homens são equivalentes.

A pergunta “Quem somos nós?” continuará a solicitar uma resposta melhor. Este artigo é um trabalho em andamento, e só pode fazer sugestões sobre o que deve ser feito com a expressão “à imagem e semelhança de Deus”. Assim, pode ser descrito como propriedade, pois somos criação de Deus. Pode ser a capacidade de adorar a Deus plenamente, tendo a mesma capacidade de decidir não fazê-lo. Pode ser capacidade intelectual, como estudar os feitos divinos e fazer perguntas filosóficas. Podem até ser atributos físicos, entendendo que o ser humano é um organismo complexo biologicamente superior em relação a outros seres vivos. Alternativamente, poderíamos afirmar ser a junção de todas as sugestões acima, entendendo que existe a possibilidade de a “imagem” englobar até semelhanças com outros seres vivos, pois na maioria das vezes, temos essas características em um nível mais complexo. Podemos afirmar que somos um ser complexo e holístico, e Deus o é muito mais porque Ele é divino e nós não. Por mais que possamos analisar os textos propostos neste trabalho, precisamos declarar nossa incapacidade. Como seres finitos, feitos à imagem de Deus, não podemos estudar e compreender o infinito completamente. Afinal, como podemos compreender plenamente a “santidade divina”? Como Paulo declarou, vemos apenas “um reflexo como em um espelho” (1 Cor 13:12, NAA) (NICHOL; COTTRELL; NEUFELD; WHITE, 1976, p. 216). Podemos perceber nossa finitude através dos escritos de Isaías: “‘Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos’, diz o Senhor. ‘Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos mais



altos do que os seus pensamentos” (Is 55:8-9).

Na hora de construir um conceito, precisamos estabelecer os limites, indicando o que não tem relação com o tema para sugerir o que tem. Mesmo que não possamos defender todo o escopo do que deve ser criado como “imagem de Deus”, podemos afirmar que a humanidade, individualmente como homem e mulher, foi criada holisticamente à imagem de Deus por Ele, não tendo – mas sendo Sua imagem – sendo criaturas com muitas semelhanças com o resto da criação, com responsabilidades para com toda a criação. Transformar um artigo teológico de modo a ser entendido por um leitor não acadêmico é uma tarefa desafiadora, ainda mais se o tema não encontrar concordância em sua conclusão pela maioria do campo teológico. Ellen G. White, no início do século 20, tentou explicar através de palavras simples o que este trabalho de pesquisa defende:

Quando Adão saiu das mãos do Criador, ele tinha, em sua natureza física, mental e espiritual, uma semelhança com seu Criador. “Deus criou o homem à sua imagem” (Gn 1:27), e era Seu propósito que quanto mais tempo o homem vivesse, mais plenamente ele deveria revelar esta imagem – mais plenamente refletisse a glória do Criador. Todas as suas faculdades eram passíveis de desenvolvimento; sua capacidade e vigor deveriam aumentar continuamente (WHITE, 1903, p. 15).

O amor, a base da criação e da redenção, é a base da verdadeira educação. Isso fica claro na lei que Deus deu como guia da vida. O primeiro e grande mandamento é: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças” (Mc 12:30, 31). Amá-lo, o infinito, o onisciente, com toda a força, mente e coração, significa o mais alto desenvolvimento de todo poder. Significa que em todo o ser – o corpo, a mente, bem como a alma – a imagem de Deus deve ser restaurada (WHITE, 1913).

A tese deste artigo convida a cinco linhas de pesquisa adicionais. Em primeiro lugar, no campo da teologia, devem ser feitas pesquisas relacionadas à renovação da imagem de Deus pela presença do Espírito Santo, buscando entender se isso acontecerá antes, durante ou depois da segunda vinda de Jesus. Em segundo lugar, ainda no campo da teologia, a pesquisa deve ser feita em uma visão teopática sobre a imagem de Deus. Terceiro, no campo antropológico vinculado ao entendimento teológico da imagem de Deus, pesquisas devem ser feitas relacionadas ao conceito bíblico de casamento, sugerindo sua práxis. Quarto, seguindo os mesmos passos da terceira sugestão, devem ser feitas pesquisas relacionadas à igualdade de gênero. Sociologicamente, as mulheres são





tratadas de forma diferente dos homens; e isso está acontecendo também no ambiente eclesiológico. Finalmente, no campo ecológico, a pesquisa deve ser feita para a visão correta da imagem de Deus na humanidade, trazendo a compreensão correta da função de governante da humanidade sobre o resto da criação.

## Referências

ALCORN, R. C. **Heaven**. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2004.

BALDWIN, J. T. **Creation, catastrophe, and calvary: why a global flood is vital to the doctrine of atonement**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2000.

BARR, J. The image of God in the book of Genesis: a study of terminology. **Bulletin of the John Rylands Library**, v. 51, n. 1, p. 11–26, 1968.

BAYER, O. Being in the image of God. **Lutheran Quarterly**, v. 27, n. 1, p. 76–88, 2013.

BAZZELL, P. D. Toward a creational perspective on poverty: Genesis 1:26–28, image of God, and its missiological implications. In: McDONALD, N.; ELLIOTT, M. W.; MACASKILL, G. (eds.) **Genesis and Christians Theology**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Co, 2012. p. 228–241.

BENTLEY, W. Are we special?: A critique of *imago Dei*. **Hervormde teologiese studies**, v. 73, n. 3, p. 1-5, 2017.

BIBLIA HEBRAICA Stuttgartensia: SESB Version. Stuttgart: German Bible Society, 2003.

BRIGGS, R. S. Humans in the image of God and other things Genesis does not make clear. **Journal of Theological Interpretation**, v. 4, n. 1, p. 111-126, 2010.

BRITANNICA, T. EDITORS OF ENCYCLOPEDIA. **Encyclopedia Britannica**. 2 apr. 2020.

BROWN, F.; DRIVER, S. R; BRIGGS; C. A. **Enchanted Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1977.

BROWN, N. In the image of God. **Adventist Record**, v. 124, n. 24, 2019.

CLINES, D. J. A. The image of God in man. **Tyndale Bulletin**, v. 19, p. 53–103, 1968.

CORTEZ, M.; JENSEN, M. P. (ed.). **T&T Clark reader in theological anthropology**. Londres; Nova York: Bloomsbury T&T Clark; Bloomsbury Publishing, 2018.

DAVIDSON, R. M. The salvation of animals? **Perspective Digest**. v. 22, n. 2, 2017.



DEDEREN, R. **Handbook of Seventh-day Adventist theology**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2000.

DOUKHAN, J. (ed.). **Genesis**. Nampa; Hagerstown: Pacific Press Publishing Association; Review and Herald Publishing Association, 2016.

EASTVOLD, K. The image of God in Old Testament theology. **Stone-Campbell Journal**, v. 21, n. 2, p. 239–251, 2018.

FARRIS, J. R. An immaterial substance view: *imago Dei* in creation and redemption. **Heythrop Journal**, v. 58, n. 1, p. 108-123, 2017.

FARRIS, J. R. **An introduction to theological anthropology**: humans, both creaturely and divine. Grand Rapids: Baker Publishing, 2020.

FRAME, J. M. **Men and women in the image of God**. The Mountain Retreat. s.d

FROOM, L. E. **The conditionalist faith of our fathers**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1965.

GESENIUS, W.; TREGELLES, S. P. **Gesenius' Hebrew and Chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures**. Bellingham: Logos Bible Software, 2003.

GRAMS, K. D. Image-of-God motif in the writings of Ellen G. White. **Andrews University**. 2019.

GRAVES, J. The similarities between humans and pigs. **Australian Academy of Science**. s.d.

GREENE, B. **The fabric of the cosmos**: space, time , and texture of reality. Visalia: Vintage, 2004.

GREENWAY, W. **For the love of all creatures**: the story of grace in Genesis. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2015.

HANSMAN, H. The future of animal-to-human organ transplants. **Smithsonian Magazine**, set. 2015.

HOBSON, G.; EDGAR, W. **Imago Dei manwoman created in the image of God**: Implications for theology, pastoral care, Eucharist, apologetics, aesthetics. Eugene: Wipf & Stock, 2019.

JANČOVIČ, J. Imago Dei: An Exegetical and Theological Reappraisal. **ET Studies**, v. 10, n. 2, p. 183–206, 2019.

JÓNSSON, G. A. **The image of God**: Genesis 126-28 in a century of Old Testament research. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1988.



KIDNER, D. **TOTC Genesis**. Nottingham: InterVarsity Press, 2008.

KILNER, J. F. **Dignity and destiny: Humanity in the image of God**. Grand Rapids: Eerdmans Pub. Company, 2015.

KOLAWOLE, O. P. God's image in man: a biblical perspective. **Journal of Biblical Theology**, v. 2, n. 3, p. 37-49, 2019.

LEE, S. Calvin and later reformed theologians on the image of God. **Unio cum Christo**, v. 2, n. 1, p. 135-147, 2016.

LIMBURG, J. The responsibility of royalty: Genesis 1-11 and the care of the earth. **Word and Word**, v. 11, n. 2, p. 124–130, 1991.

MACDONALD, N.; ELLIOTT, M. W.; MACASKILL, G. **Genesis and Christian theology**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Co, 2012.

MATSKEVICH, K. **Construction of gender and identity in Genesis: the subject and the other**. Londres; Nova York: T&T Clark, 2019.

MCCOMB, K.; SHANNON, G.; SAYIALEL, K. N.; MOSS, C. Elephants can determine ethnicity, gender, and age from acoustic cues in human voices. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 111, n. 14, p. 5433, 2014.

MIDDLETON, J. R. **The liberating image: the Imago Dei in Genesis 1**. Grand Rapids: Brazos Press, 2005.

MIGLIO, A.; REEDER, C. A.; WALTON, J. T.; WAY, K. C. (ed.). **For us, but not to us: Essays on creation, covenant, and context in honor of John H. Walton**. Eugene: Pickwick Publications, 2020.

MUELLER, C. **What it means to be created in the image of God**. Lynchburg: Liberty University, 1999.

NICHOL, F. D.; COTTRELL, R. F.; NEUFELD, D. F.; WHITE, E. G. **The Seventh-day Adventist Bible commentary: The Holy Bible with exegetical and expository comment**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1976.

ODEN, T. C. (ed.). **Ancient Christian commentary on Scripture**. Westmont: IPV, 2016.  
O'DONOVAN, J. L. Human dignity and human justice: thinking with Calvin about the imago Dei. **Tyndale Bulletin**, v. 66, n. 1, p. 121–136, 2015.

PECKHAM, J. **Canonical theology: The biblical canon, sola scriptura, and theological method**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016.

PETERSON, R. S. **The imago Dei as human identity: a theological interpretation**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2016.



ROBINSON, D. **Understanding the "Imago Dei"**: the thought of Barth, von Balthasar and Moltmann. Farnham: Ashgate, 2010.

RODRÍGUEZ, Á. M.; BEDIAKO, D. K.; COSAERT, C. P.; KLINGBEIL, G. A. (eds.). **Andrews Bible commentary**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2020.

ROOKER, M. F.; KEATHLEY, K. **40 questions about creation & evolution**. Grand Rapids: Kregel, 2014.

SCHAFER, A. R. "You, YHWH, save humans and animals": God's response to the vocalized needs of non-human animals as portrayed in the Old Testament. **Wheaton College**. 2016.

SCHÖNBORN, C. V.; WEBER, H. P.; TAYLOR, H. **Chance or purpose?** Creation, evolution, and a rational faith. San Francisco: Ignatius Press, 2007.

SEPTUAGINTA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

SILVA, R. B. O Papel Cocriador do Ser Humano enquanto Imago Dei e Homem e Mulher Segundo o Testemunho Bíblico. **Protestantismo em Revista**, v. 45, n. 2, p. 158–166, 2019.

STEINMANN, A. **Genesis**: An introduction and commentary. Downers Grove: InterVarsity Press, 2019.

SWANSON, J. **Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains**: Hebrew (Old Testament). Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997.

TALSTRA, **Biblia Hebraica Stuttgartensia: WIVU Constituency Trees**. Stuttgart: German Bible Society, 2003.

TEEL, K. **Racism and the image of God**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

THOMPSON, J. L. **Genesis 1–11**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014.

THORSEN, D. **An exploration of Christian theology**. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2020.

THRELFALL, J. M. The Doctrine of the Imago Dei: The Biblical Data for an Abductive Argument for the Christian Faith. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 62, n. 3, p. 543-561, 2019.

TILLICH, P. **Systematic theology**: Three volumes in one. Chicago: University of Chicago, 1967.

WATERHOUSE, S. **Holy matrimony**: The image of God in the family. Amarillo: Westcliff Press, 2006.

WENHAM, G. J. **Word Biblical Commentary**: Genesis 1–15. Waco: Word Books, 1987.



- WHITE, E. G. Science and the Bible in Education. **The Signs of the Times**. 20 mar. 1884.
- WHITE, E. G. **Education**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1903.
- WHITE, E. G. Unselfish Service the Law of Heaven. **The Review and Herald**. 16 jan. 1913.
- WILLS, R. W. **Martin Luther King, Jr. and the image of God**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- WOZNICKI, C.; GENTILE, J. Refocusing the image: domestic violence, refugees, and the imago dei in john calvin’s pastoral theology. **McMaster Journal of Theology and Ministry**, v. 19, p. 81–111, 2017.